

«Verissimo Philocrúz», na verdade Bernardo Xavier Sacchetti, amigo do autor e copista do volume. Estas «Observações» constituem a mais desenvolvida recepção, sob a forma de anotações, contemporânea do poema. Em plano semelhante, contribui para uma compreensão melhor da recepção do texto no tempo a reprodução da série de 31 desenhos e gravuras que ilustram a edição de José Ramos Coelho, de 1879.

Dado o antes exposto, estamos na presença de um trabalho indispensável para o conhecimento da história da escrita, do texto e da recepção d'*O Hissope*.

*João Dionísio*

**TRAVAUX DE LITTÉRATURE:  
LA SPIRITUALITÉ DES ÉCRIVAINS  
OLIVIER MILLET (Dir.)  
(vol. XXI), Genève, Droz, 2008**

Destinada a promover e difundir a investigação no campo dos estudos literários, a associação internacional ADIREL atingira, em 2007, as duas dezenas de volumes temáticos dos seus *Travaux de Littérature*. Em Setembro último, deu a lume, sobre o tema da espiritualidade dos escritores, a obra *La Spiritualité des Écrivains*, vol. XXI (542p.), Droz, Genève, 2008.

Sem privilegiar de forma alguma os livros ditos de espiritualidade, este volume não deixa de abrir com um magistral estudo consagrado a Gautier

de Coinci, autor medieval que ilustra o sentido primeiro da noção de espiritualidade, mas que também revela a sua conjugação com a arte. Invocada por uns, contestada por outros, ou simplesmente recusada, a noção de espiritualidade reaparece frequentemente nestes estudos; designando normalmente a qualidade do que é espírito ou alma, faz deles um princípio irredutível à materialidade do mundo sensível. Possui, naturalmente, significações próprias na tradição cristã, seja do ponto de vista institucional, seja hermenêutico, como deixam claro, por exemplo, os estudos consagrados a Gautier de Coinci ou a reflexão de C. Bourgeois sobre «as relações entre poesia e espiritualidade». Mas a maior novidade destas reflexões surge, não sem alguma provocação, por uma espécie de inversão operada: com efeito, mais do que o sentido espiritual «objectivo» dos textos sagrados, dogmaticamente estabelecido, são aqui abordadas as mais diversas formulações de uma transcendência poética, desligada de qualquer crença: «a rejeição do sagrado em Philippe Jaccottet; a heterodoxia de Saint-Pol-Roux com a sua poética do Verbo imanente e transcendente»; e tantas outras que, de forma provocadora, misturam, numa escrita reinventiva, metafísica, teologia, poesia, ciência, escatologia.

A ordem cronológica dos estudos apresentados deixa transparecer que, da Idade Média aos nossos dias, a espiritualidade foi uma questão permanente na Literatura; e se é simplesmente ob-

sessiva em alguns escritores, em outros revela-se como o grande significado do melhor da sua produção literária. A questão da espiritualidade foi objecto de grande viragem no séc. XIX em que a literatura se tornou expressão de uma subjectividade concebida como vida interior. Hoje, de um modo geral, o termo espiritualidade, cada vez mais em voga nos domínios ditos «culturais», designa aquele princípio autêntico, existencial, que anima uma atitude, uma obra, uma fé. Dos estudos aqui apresentados emerge também com clareza a distinção entre o que é doutrina, filosófica ou religiosa – necessariamente definida, unívoca, colectivamente transmitida – e o que é a «espiritualidade», individual e livre, que se afirma em função das afinidades de cada autor. Refira-se, a este título, o estudo sobre Des Masures que, apesar de calvinista estrito do século de Quinhentos, põe em cena, no seu teatro religioso, interpretações muito pessoais e bastante afastadas da ortodoxia protestante; ou ainda, já nos finais da época clássica, a revelação de um rosto inesperado das Luzes, Montesquieu, que combina, nas reflexões que inundam as suas obras, a busca de um Deus sensível e de uma espiritualidade da felicidade, com o gosto pelas manifestações estéticas da piedade católica. A distinção entre religião e espiritualidade pode mesmo surgir como «espiritualidade contra religião», como refere G. Artigas-Menant no seu estudo sobre Robert Challe: neste autor, é uma espécie de anti-religião metódica

que acaba por revelar todo um fundo de atitudes afinal comuns à religião e à espiritualidade (que a ela se opõe), e manifesta um apurado sentido da vida interior e da meditação, bem como a presença, em filigrana, de grandes mestres espirituais do ocidente cristão. Vários outros trabalhos atestam e ilustram esta oposição que proliferou, sobretudo do século dezoito até aos nossos dias, conduzida primeiro pelas Luzes, depois pelo romantismo e, por fim, pela secularização contemporânea; mas as suas raízes modernas remontam efectivamente ao evangelismo da Renascença humanista, seguida pela Contra-reforma, na imparável busca em que se lançam as consciências que imperativamente necessitam, para acederem individualmente à pureza de coração, de redefinir a religião como interiorização espiritual, não sem abalarem, por vezes consideravelmente, alguns sectores da cristandade. E, como se depreende ainda destes estudos, a Literatura teve, neste drama multissecular, um papel de grande relevo.

O leitor terá assim o prazer de descobrir, neste ou naquele autor, presenças insuspeitadas de uma espiritualidade, ora tingida de agostinismo (quase omnipresente), ora mais atreita ao franciscanismo grandemente impregnado nos domínios moral e social e tão presente na Literatura, do séc. XVIII ao séc. XX, de Cazotte e Chateaubriand a Francis James e Massignon. Já no séc. XX, se Paul Claudel reúne na sua obra a grande diversidade das famílias

espirituais do catolicismo, a obra de François Cheng faz confluir, nesta hora de mundialização, as visões taoista, budista e cristã do mundo. Em suma, este conjunto de estudos revela bem a que ponto a Literatura dá voz à fecundidade espiritual dos escritores, quando pela verve criadora transportam para as palavras o respeito e a força interior que os anima.

*João Domingues*

#### **O FIDALGO APRENDIZ**

**D. FRANCISCO MANUEL DE MELO**

(Edição crítica de Evelina Verdelho)

**A Coruña, Biblioteca – Arquivo Teatral**

**“Francisco Pillado Mayor”**

**– Universidade da Coruña, 2007**

De grande rigor científico e de indubitável experiência em trabalhos de ecdótica, Evelina Verdelho fez acompanhar a edição do auto de D. Francisco Manuel de Melo de um estudo introdutório pleno de erudição e muito esclarecedor dos diferentes aspectos que dizem respeito ao autor e à obra, de uma criteriosa reprodução do texto, secundada por abundantes notas de rodapé e aparato crítico de emendas e variantes, de uma bibliografia completa e actualizada; em suma, a sua edição encontra-se bem apetrechada com todos os elementos que deve possuir uma autêntica edição crítica. É, sem dúvida, a melhor e mais completa edição de *O Fidalgo Aprendiz* realizada até ao momento.

A autora desta edição, Evelina Verdelho, investigadora da Universidade de Coimbra, já nos tinha surpreendido com a sua extraordinária edição crítica da *Vida e Feitos d’El-Rey Dom João* de Garcia de Resende, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1994. Posteriormente, dirigiu as suas pesquisas para a língua de D. Francisco Manuel de Melo<sup>1</sup> e para a edição das suas obras no âmbito da investigação levada a cabo para o CEC-PPC (o *corpus* electrónico do período clássico do CELGA da Universidade de Coimbra), como é o caso da *Aula política e cùria militar*, *Epanáforas de vária história portuguesa*, *Sonetos das Musas Portuguesas*, a edição crítica das *Musas Portuguesas* (que já incluía *O Fidalgo Aprendiz*), o *Tradado da ciência cabala* e a *Epístola declamatória ao Príncipe D. Teodósio*<sup>2</sup>.

*O Fidalgo Aprendiz* não apresenta grandes dificuldades ecdóticas: a obra foi editada em 1665 em vida do autor e por ele próprio revista. O propósito do trabalho de Evelina Verdelho não foi, portanto, o trabalho tradicional da edição crítica – a reconstrução (ou máxima aproximação possível) do original a partir da *collatio* de testemunhos diferentes –, porque a edição de 1665 deve ser considerada texto original. Isto não exclui um inevitável trabalho de *emendatio* dos erros de cópia ou impressão e de fixação do texto por parte do editor científico (ou melhor, adaptação grafemática e de pontuação aos usos modernos, se for caso disso), dado que também com originais é necessária a edição